

Como TVer

Autores
Sara Pereira, Luís Pereira, Manuel Pinto

Design & Ilustração
Pedro Mota Teixeira

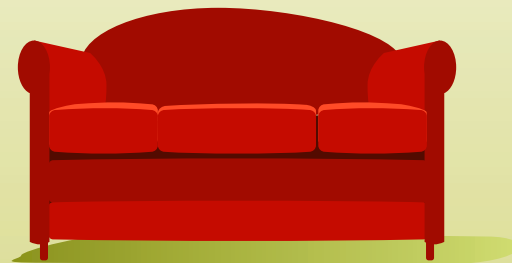
Televisão ou Não

Desliga a televisão – disse o pai.
Vai lá para fora e vive a vida.

Fui e à noite vim
com uma abelha na orelha
um rato no sapato
cola na camisola
giz no nariz
gafanhotos nos bolsos rotos
um escaravelho no joelho
uma formiga na barriga
um leão pela mão
e atrás um camelo a puxar-me o cabelo.

Não vás mais lá para fora – disse o pai.
Liga a televisão.

Luísa Ducla Soares



EDUMEDIA

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

www.lasics.uminho.pt/edumedia

EDUMEDIA

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

Como TVer

Autores

Sara Pereira, Luís Pereira, Manuel Pinto

Design & Ilustração

Pedro Mota Teixeira

Edição 2009

EDUMEDIA - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

Tiragem

500

ISBN

978-989-95500-5-6

Execução gráfica

Acesso, artes gráficas

Agradecimento

Alunos do 4º ano das Escolas EB1,2,3 de Gondifelos (VN Famalicão) e EB1 de S. João do Souto (Braga) pela participação com os desenhos. Ano lectivo 2008/09.

Apoio



Conhecer para (re)agir

A actividade televisiva orienta-se por um conjunto de normas que interessa conhecer:

- Contrato de Concessão do Serviço Público de Televisão, celebrado entre o Estado Português e a RTP em 25 de Março de 2008.
- Convenção Europeia Sobre a Televisão Transfronteiras, aprovada em 11 de Maio de 2001.
- Directiva Serviços de Comunicação Social Audiovisual - Directiva 2007/65/CE do Parlamento Europeu e do Conselho de 11 de Dezembro de 2007.
- Lei da Televisão, Lei n.º 27/2007 de 30 de Julho.
- Protocolo RTP/ SIC/TVI, assinado pelos três operadores, em 21 de Agosto de 2003, e alterado pela Adenda ao Protocolo, de 15 de Fevereiro de 2005.
- Recomendação do Conselho da União Europeia relativa ao desenvolvimento da competitividade da indústria europeia de serviços audiovisuais e de informação através da promoção de quadros nacionais conducentes a um nível comparável e eficaz de protecção dos menores e da dignidade humana, 98/560/CE, adoptada a 24 de Setembro de 1998.

Enquanto cidadãos, temos o direito, e até o dever, de (re)agir perante alguma situação que provocou desacordo, desagrado ou que queremos elogiar. Para esse efeito, há um conjunto de instâncias às quais podemos fazer chegar a nossa voz.

Alguns contactos relativos ao meio televisivo:

Provedor do Telespectador

Avenida Marechal Gomes da Costa, 37
1849-030 Lisboa
provedor.telespectador@rtp.pt / www.rtp.pt

ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social

Avenida 24 de Julho, 58
1200-969 Lisboa
Tlf: 210 107 000 Fax: 210 107 019
info@erc.pt / www.erc.pt

ACMedia – Associação Portuguesa de

Consumidores dos Media
Rua Santo António, 108 R/C Dto
1350-294 Lisboa
Tlm: 917 936 880
acmedia@acmedia.pt / www.acmedia.pt

RTP - Rádio e Televisão de Portugal

Avenida Marechal Gomes da Costa, 37
1849-030 Lisboa
Tlf: 217 947 000 Fax: 217 947 570
Linha de atendimento ao telespectador: 707 789 707
opinioes@rtp.pt / www.rtp.pt

SIC – Sociedade Independente de Comunicação

Estrada de Outurela, 119
2794-052 Carnaxide Portugal
Tlf: 214 173 111 Fax: 214 179 652
Linha de atendimento ao telespectador: 808 202 822
atendimento@sic.pt / www.sic.sapo.pt

TVI – Televisão Independente

Rua Mário Castelhana, 40
2734-502 Barcarena
Tlf: 214 347 500 Fax: 214 347 654
relacoes.exteriores@tvi.pt / www.tvi.iol.pt



Apresentação

A televisão continua hoje a assumir uma presença significativa no quotidiano infantil, apesar das diversas mudanças no ambiente mediático.

É um meio que desempenha um papel importante no processo de socialização das crianças, sendo uma fonte privilegiada de aprendizagens e de contacto com o mundo.

O tempo que os mais novos dedicam à TV e a outros meios de comunicação suscita, por vezes, enormes preocupações entre pais, professores e educadores, os quais nem sempre dispõem de instrumentos que permitam analisar e compreender o meio televisivo e agir sobre ele. Teme-se, por exemplo, que a TV exerça uma influência nefasta nas crianças atendendo às características de muitos dos seus programas e à falta de qualidade de alguns.

Com esta brochura pretende-se abordar, embora de forma breve, algumas questões essenciais sobre a relação das crianças com a televisão e deixar algumas pistas para a acção.

A brochura surge no âmbito de um projecto de educação para os media apresentado por investigadores do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, à Fundação Evens Foundation, da Bélgica, e que esta Fundação premiou em 2009.

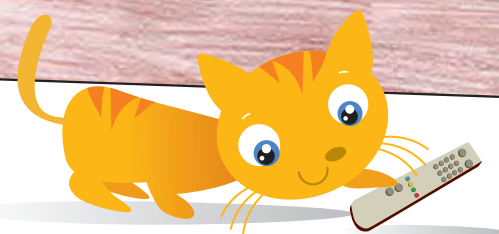
Trata-se de uma publicação que faz parte de uma colecção que pretende, em traços gerais, fornecer aos pais e outros agentes educativos alguns elementos que permitam promover, junto dos mais novos, um consumo e um uso activo e crítico dos meios de comunicação.

Consumo televisivo

Segundo os dados de audiência, as crianças portuguesas vêem, em média, cerca de três horas de TV por dia. Se a este consumo ainda acrescentarmos o tempo que passam, por exemplo, com a Internet, os videojogos e o telemóvel, concluímos que as crianças gastam muito do seu tempo diário com estes meios.

Perante estes dados, muitos pais questionam-se sobre o que fazer, se devem intervir, nomeadamente, se devem regular ou proibir o uso destes meios pelos seus filhos .

Proibir pode não ser o melhor caminho. É preferível encarar a presença e a importância dos meios de comunicação na vida das crianças e prepará-las para um uso crítico. Impedir o contacto dos mais novos com os media, ou fechá-los a esse mundo, seria também privá-los de um conjunto de informações e de aprendizagens importantes para o seu desenvolvimento pessoal e social. Existem, certamente, riscos, mas eles podem ser atenuados ou mesmo controlados. E, desde que assim aconteça, serão sempre menores do que os que decorrem da proibição.



Usar a TV de forma crítica

– ou como tornar a relação com a TV uma experiência enriquecedora

1. Conversar com as crianças sobre o que vêem, explicar-lhes os programas de uma maneira que elas possam entender, ouvir as suas dúvidas e inquietações. A presença de um adulto durante o visionamento televisivo é muito importante porque pode influenciar positivamente as experiências televisivas das crianças, mas esta situação nem sempre é possível. Já a conversa pode acontecer em qualquer momento e em qualquer lugar. Sobre o que conversar? Eis algumas pistas:

- o que é realidade e o que é ficção, ajudando-as a separar os factos dos conteúdos ficcionados;
- os comportamentos e as atitudes das personagens, sobre a forma como se relacionam e como resolvem os seus problemas;
- a publicidade, os seus objectivos e a forma como apresenta os produtos: comparar alguns produtos, por exemplo, um brinquedo, com as características apresentadas nos anúncios;
- os programas preferidos: procurar perceber que género de programas as crianças gostam mais, se são dirigidos ao público infantil ou ao público adulto;
- os heróis televisivos, as suas características físicas e psicológicas, a forma como as crianças se identificam com eles.

2. Planear os programas a ver: construir com as crianças uma grelha semanal dos programas que elas e a família querem ver. Esta grelha ajuda a criar bons hábitos de ver TV. Permite ver o tempo que se vai despende numa semana com esta actividade e, a partir daí, pode ajudar a estabelecer limites quer no tempo quer no horário de visionamento. Sobretudo em tempo de aulas, é muito importante criar hábitos de deitar cedo.

3. Encorajar o visionamento de programas de qualidade: os programas televisivos podem e devem ser meios para estimular a curiosidade, o espírito crítico, a abertura e o conhecimento de outras culturas, de outras realidades, para alargar horizontes.

4. Abordar alguns temas mais delicados: aproveitar a oportunidade para conhecer as opiniões dos mais jovens sobre esses assuntos (por exemplo, sexo, drogas) e saber como se posicionam em relação aos mesmos. Esta conversa pode ser mais oportuna com adolescentes.





📺 A TV na família

O consumo televisivo é influenciado pelo contexto familiar que exerce uma grande influência sobre o que os mais novos vêem e como vêem, uma vez que partilham com eles o seu 'estilo televisivo'.

Não é verdade que os pais se preocupam se os seus filhos estão doentes, se se alimentam bem, se atravessam a rua com cuidado? Então não será também importante que se preocupem com o tempo passado pelos seus filhos diante do pequeno ecrã?

Mais importante do que ser restritivo, é discutir os programas com as crianças, comentar as diversas situações, explicá-las, ajudá-las a distinguir o que é real e o que é fantasia. O conceito de mediação ajuda-nos a definir esse papel dos pais como intermediários, como 'filtros', entre o meio televisivo e as crianças telespectadoras.



📺 Não ver ao acaso

O mais importante é ajudar a criança a fazer um consumo selectivo. Quer dizer, não ver TV ao acaso, ver os programas que são apropriados para a sua faixa etária e que realmente lhe agradam, e aprender a desligar a TV quando já não interessa ou há outras actividades que é necessário realizar. Manter o televisor ligado pode gerar vícios: mesmo que um programa não interesse, a criança pode ir criando gosto em segui-lo, sendo depois mais difícil desligar-se do que está a ser emitido.

É importante que os pais estejam atentos ao horário de visionamento, ao tempo de consumo e aos programas que as crianças vêem.



Aprender a ver

Ver TV pode ser uma actividade interessante e divertida. As crianças podem aprender com a TV. O importante é ajudá-las a gerirem bem o tempo e incentivar a realização de outras actividades. Por exemplo, em vez de passarem três horas a ver apenas TV, podem aproveitar esse tempo também para brincar, jogar à bola, andar de bicicleta, passear, ler um livro. É também possível diversificar o consumo televisivo, quer dizer, o género de programas que se vê. Por vezes basta apenas mudar de canal. Está nas mãos dos adultos ajudar as crianças nessa opção pela diversidade, procurando outras actividades ou outros programas televisivos.

Quantas vezes é que os pais oferecem aos filhos verdadeiras alternativas à televisão? Quantas vezes é que os desafiam para outras actividades - passear, fazer um piquenique, contar uma história, jogar, fazer um puzzle, simplesmente brincar?

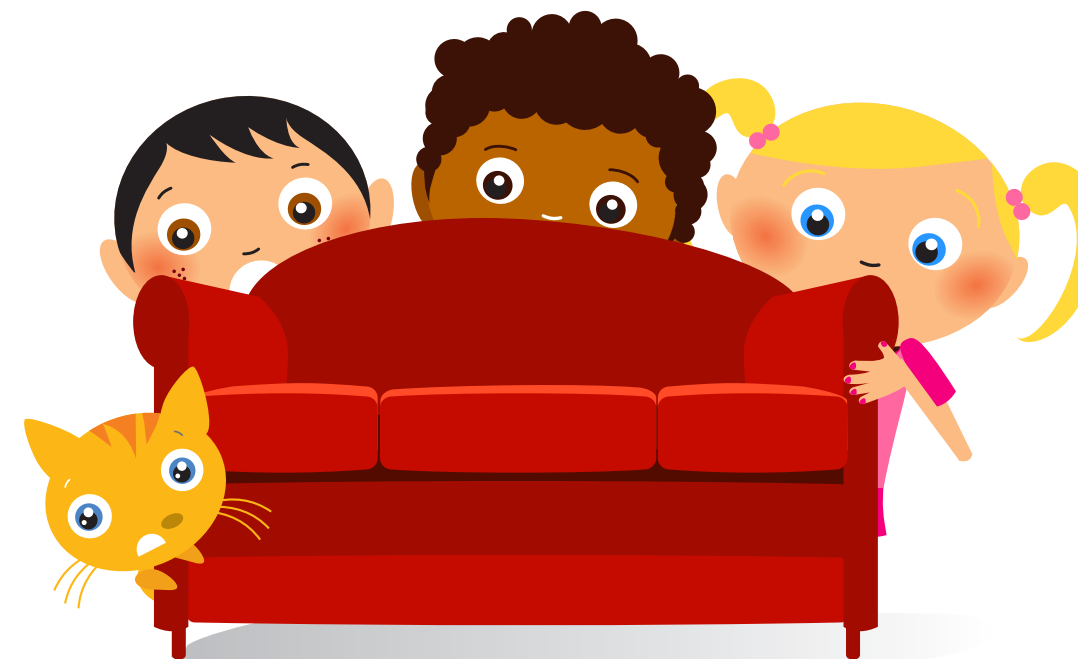
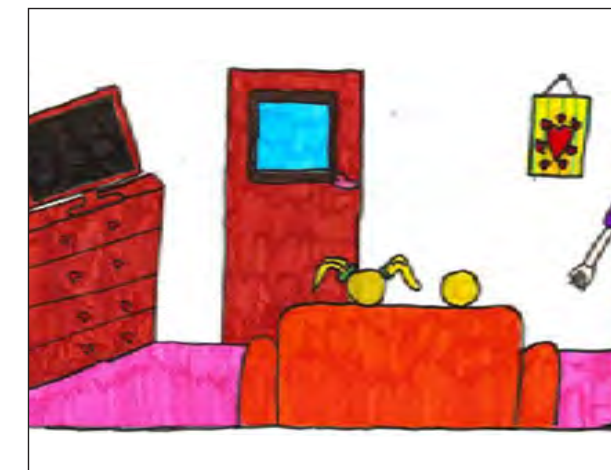
Por vezes as crianças escolhem ver TV não porque esta lhes interessa mas porque é um meio de fácil acesso, bastando carregar num botão para que o mundo entre no seu espaço. Antes de ter permissão para atravessar a rua, a criança já atravessou o planeta pelo seu próprio pé, dizia Joshua Meyrowitz, um investigador norte-americano.



Esconder ou explicar a violência?

Os efeitos das cenas de violência sobre o público mais pequeno não são automáticos e dependem de um conjunto de critérios. Muitos dos programas de ficção que exibem conteúdos violentos não são recomendados nem adequados para as crianças; portanto, este pode ser um primeiro impedimento para o seu visionamento.

Quanto aos programas de informação, que por vezes apresentam cenas de grande violência real, não sendo o mais adequado esconder das crianças o mundo em que vivem, a preocupação deve residir em explicar-lhes o que se está a passar, filtrando alguma informação e protegendo-as de imagens susceptíveis de provocar medo, receio ou ansiedade.



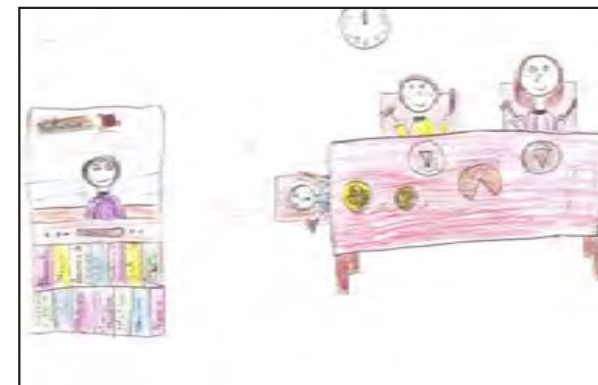


📺 A importância dos contextos de vida

Estudos que tiveram como objectivo isolar o efeito específico da TV afirmam que não há uma relação directa entre as cenas de violência e o comportamento das crianças e que a observação de cenas violentas não se repercute da mesma maneira em todas as pessoas. No entanto, o visionamento e a exposição continuados de conteúdos violentos na TV podem banalizar e legitimar a violência quotidiana.

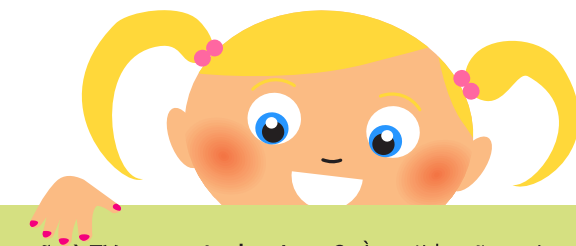
As crianças que vivem em ambientes muito violentos, que são tratadas com agressividade e estão habituadas a resolver os seus problemas pessoais e familiares recorrendo à violência, ao verem programas violentos, habitam-se à ideia de que

tanto as pessoas que as rodeiam como os seus heróis televisivos resolvem tudo por métodos violentos. Essas crianças não conhecem, porque não aprenderam, outra maneira de resolver os conflitos; por isso, estarão mais predispostas a reproduzir atitudes violentas no seu comportamento do que as crianças que possam também ver programas violentos mas que vivem num ambiente em que se procura resolver os problemas de forma não agressiva, através do diálogo.

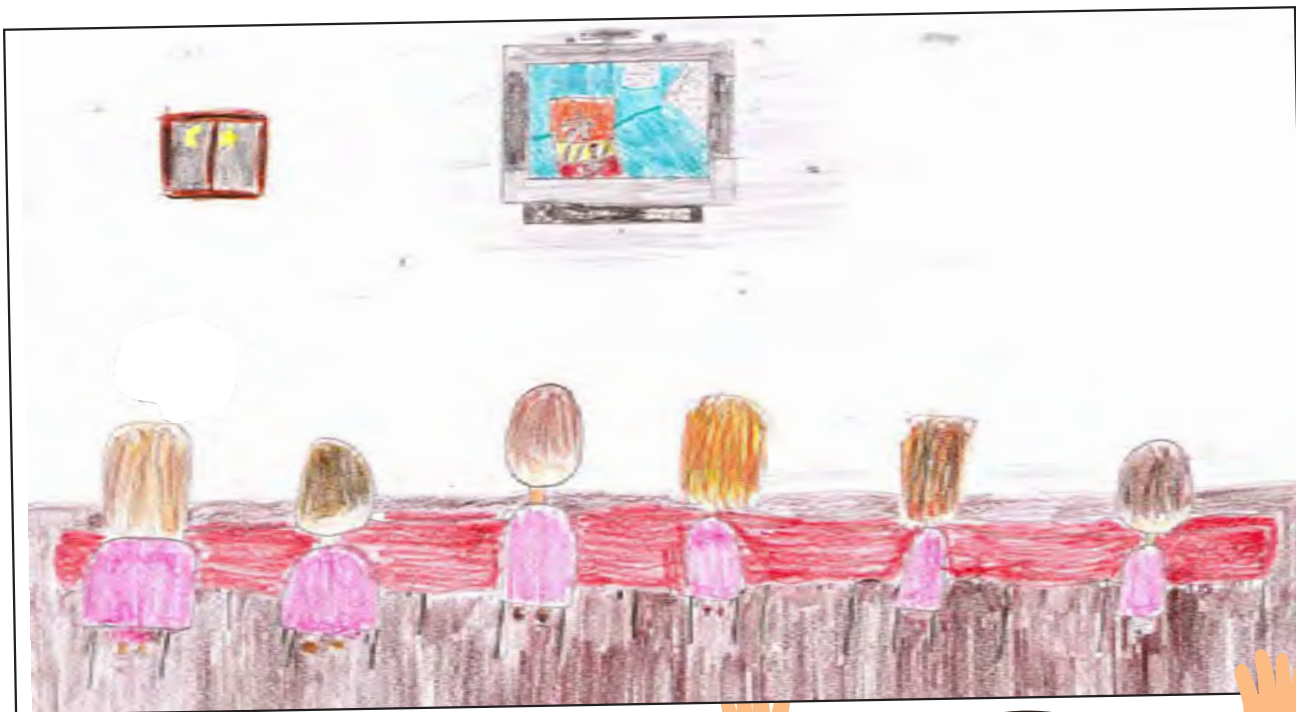


É importante que as crianças aprendam que há actividades que merecem uma atenção própria. Por exemplo, enquanto fazem os **trabalhos de casa**, ou enquanto estudam, é importante que estejam atentos e concentrados; por isso, nessa altura, é melhor que a TV esteja desligada. Quando os trabalhos da escola estiverem prontos, será muito mais divertido ver TV.

A TV nas horas das refeições é, nalguns contextos familiares, motivo de discussão, de conflito e de silêncio. A refeição pode ser um tempo único para conversar sobre o que aconteceu durante o dia, para cada um se aperceber o que se está a passar com cada membro da família. A TV nem sempre é boa companhia nestes momentos porque, muitas vezes, impede o diálogo. Se a TV for ruidosa, inconveniente e falar mais que qualquer membro, cabe a cada família decidir se não poderá desligá-la nesses momentos.



Sim ou não à TV no quarto da criança? À partida, são mais as desvantagens do que as vantagens. Vejamos: as crianças ficam mais isoladas da família, vêem TV sozinhas sem possibilidade de conversar ou de trocar impressões sobre o que está a dar, podem ver o que quiserem, quando entenderem, pode não haver possibilidade de saber quando efectivamente desligam a TV para uma noite de sono bem necessário.



O bem-estar da criança

Pode acontecer as crianças lamentarem-se pelo facto de os pais não permitirem ver um determinado programa que todos os colegas da turma vêem. Cabe a cada família avaliar a situação e manter a sua decisão se o programa for exibido num horário impróprio para o público infantil, se os seus conteúdos não forem adequados à idade, se forem susceptíveis de lhes provocar medo ou angústia, se veicularem valores contraditórios com os que são partilhados pela família. Nesta situação, é fundamental explicar às crianças a decisão tomada e levá-las a compreender que a preocupação é com o seu bem-estar.



A TV não deve ser usada como um valor em si mesmo, quer dizer, não deve ser usada como recompensa nem como castigo para que não se torne a protagonista do contexto familiar e do seu projecto educativo.

A TV não faz um bom trabalho como 'baby sitter' (ama) e, portanto, não deve ser usada com essa função.

A violência no ecrã

De todos os efeitos negativos atribuídos à TV, a violência é um dos mais debatidos e um dos que gera maior preocupação entre pais, educadores, professores e cidadãos em geral. A violência é um tema complexo e, apesar dos vários estudos realizados, as variáveis em jogo são múltiplas, pelo que é difícil chegar a conclusões definitivas.

Quando falamos em violência na TV não podemos pensar apenas em actos físicos; há outras formas de violência - verbal, psicológica, étnica - que pode afectar de igual modo os telespectadores.

Os programas com conteúdos violentos não afectam da mesma maneira todas as crianças. A idade, o nível de desenvolvimento, a maturidade cognitiva, os contextos de vida, a possibilidade de comentarem e de conversarem sobre o que vêem, sobre o que as assusta ou angustia, são factores que intervêm na forma como a criança recebe e apreende os conteúdos televisivos.

O bem-estar da criança e o bom-senso são, aqui, especialmente recomendáveis. Pretender que as crianças nunca vejam violência (a das notícias ou a das histórias) é impossível e até indesejável. Mas tudo tem a sua medida...

